



AS APRENDIZAGENS COMO PROCESSO INERENTE AO CONHECER/VIVER

CADERNOS DE
EDUCAÇÃO EMOCIONAL

ARILU CAVALCANTE PEQUENO

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

APOIO:

Libellus
Editorial

PROVE[®]
PROGRAMA DE VIVÊNCIA EMOCIONAL

**As aprendizagens como processo
inerente ao conhecer/viver**

Arilu Cavalcante Pequeno

**As aprendizagens como processo
inerente ao conhecer/viver**



João Pessoa, 2026

Conselho Editorial

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)
Elisa P. Gonsalves Possebon (UFPB)
Fabricio Possebon (UFPB)
Fátima Sousa Lima (UFOPA)
Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)
Jeane Odete Freire dos Santos Cavalcanti (UNIESP)
Maria Lúcia Abaurre Gnerre (UFPB)
Marilene Salgueiro (UFPB)
Tânia Maria Goretti Donato Bazante (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Catalogação na fonte – Libellus Editorial

Pequeno, Arilu Cavalcante.

AS APRENDIZAGENS COMO PROCESSO INERENTE AO CONHECER / VIVER
/ Arilu Cavalcante Pequeno – João Pessoa: Libellus Editorial, 2026.

32 p.; 21 cm x 29,7 cm.

Bibliografia
ISBN: 978-65-5264-096-3

Saúde I. Título II. Série III.

CDU 614

CDD 615.53

Índice para catálogo sistemático 1 - Saúde – 613

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem a permissão escrita da editora.

Dedico esta monografia à professora Elisa Gonsalves,
por ter me apresentado à Biodanza,
bem como à roda linda que foi construída no processo de formação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. NASCER PARA APRENDER A SER COMO CONDIÇÃO HUMANA.....	7
2. NA DANÇA DA VIDA APRENDEMOS PORQUE SOMOS SERES INACABADOS	11
3 - MOVER-SE NA VIDA: MOTIVOS E MÓBILES COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES DO SISTEMA VIVO.....	18
CONCLUSÕES.....	28
REFERÊNCIAS	30
SOBRE A AUTORA.....	29

AS APRENDIZAGENS COMO PROCESSO INERENTE AO CONHECER/VIVER

INTRODUÇÃO

Compreender que, na nossa complexidade humana, trazemos múltiplas personalidades que envolvem aspectos intrínsecos e extrínsecos é um caminho para a noção do sujeito como organismo vivo em que as múltiplas facetas do ser o faz aprender e mobilizar-se na vida continuamente em movimentos de desordem-ordem que nascem juntos e constituem o universo humano (MORIN, 2003). E envolvidos entre fantasmas e sonhos o sujeito conhece, sinalizando que a vida é conhecimento e conhecimento é vida.

Nesse sentido, este trabalho¹ busca dialogar sobre o mover dos sujeitos no mundo e as aprendizagens que podem ocorrer na direção do bem viver. Para tanto, considero que a Biodanza oportuniza o sujeito potencializar o fluxo da vida com processos de autoconhecimento, o que ocorre porque, segundo a definição de seu autor, Rolando Toro (2005, p. 33) “a Biodanza é um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originárias da vida”. Desse modo, considero que biodançar é dançar a vida com mobilizações que dão sentido aos percursos vitais dos sujeitos. Nesse sentido, faz-se necessário compreender, inicialmente, a condição humana no mundo para entender, em seguida, a condição do mundo humano (MORIN, 2003) e, para entender tais movimentos, irei aguçar – neste trabalho – meus olhares sobre o aprender da condição humana, tendo, como referência, a Biodanza como a dança da vida e as aprendizagens como processo inerente ao conhecer/viver de cada sujeito vivo.

¹ Esse trabalho foi desenhado a partir dos meus estudos no doutorado sobre os processos de aprender, a partir da complexidade do sujeito.

1. NASCER PARA APRENDER A SER COMO CONDIÇÃO HUMANA

Culturalmente, foram criadas diversas visões sobre a humanidade, sobre quem são os humanos. Nesse processo cultural, o que se entende por linearidade, imediatismo, determinismo ou reducionismo giram em torno da causalidade, assim o que acontece com o humano no mundo está relacionado a um tipo de compreensão da relação causa e efeito, limitando, muitas vezes, os sujeitos aos caminhos binários do “ou é isto ou é aquilo”.

Essa lógica de pensamento deixa muitos aspectos esquecidos ou ignorados como, por exemplo, o aprender de dentro para fora e de fora para dentro (saindo da ideia de que o humano é apenas um executor de tarefas já pré-determinadas) e o reconhecimento das emoções humanas (saindo da lógica da linearidade). Esse fato ocorre porque nós somos herdeiros do pensamento dissociado (MORIN, 2003), por isso, é preciso compreender que se vive em rede, na qual cada um é apenas uma parte da teia, porque somos sistemas, e sistemas vivos. Aqui também situamos a origem da Biodanza, segundo Toro (2005, p. 13):

A base conceitual da Biodanza provém de uma meditação sobre a vida; do desejo de renascermos de nossos gestos despedaçados, de nossa vazia e estéril estrutura de repressão; provém, com certeza, da nostalgia do amor. A deformação do espírito ocidental culminou, no século que passou, com os maiores atentados que a história conhece contra a vida humana.

Urge, então, entender que o ato do nascimento dos humanos é algo que vai além do simples momento de chegada ao mundo, uma vez que “nascer é estar submetido à obrigação de aprender” e essa necessidade de aprender nasce com o “filho do homem” (CHARLOT, 2000, p. 51).

Assim, o nascimento é a possibilidade de aprender no/com o mundo. Se nascer é participar de processos de aprendizagens, então, nós não nascemos sendo, mas tornando-se, estando sempre obrigados a aprender para ser. Seguindo esse raciocínio, o indivíduo, ao nascer, ganha a vida, como qualquer outro animal, pois a condição humana de viver também é característica da condição animal (CALADO, 2001). Porém, o sujeito, desde seu nascimento, precisa aprender para ser, tendo como cenário para tal aprendizagem suas

relações com o mundo e com o outro, deixando clara a ideia de que conhecer é viver, conseqüentemente, é um fazer humano. Nas palavras de Maturana (2001, p. 40), “todo conhecer é um fazer daquele que conhece, ou seja, que todo conhecer depende da estrutura daquele que conhece”, nesse sentido afirma que “as estruturas são ontogênicas e que as condutas são **aprendidas**” (MATURANA, 2001, p. 191, Grifos do autor).

Diante dessas informações, sigo o diálogo na intenção de provocar compreensões acerca de como se dão os motivos e os móveis no nosso operar estrutural, considerando que “o conhecimento, ao buscar construir-se com referência ao contexto, ao global e ao complexo, deve mobilizar o que o conhecedor sabe do mundo” (MORIN, 2003, p. 39), fato que indica que “a definição do homem enquanto sujeito de saber se confronta à pluralidade das relações que ele mantém com o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 60).

Ao nascer, todos os seres vivos entram em processos de aprendizagem, no entanto, o aprender a partir da relação consigo, com o outro e com o mundo é uma condição humana na qual “a vida nos acontece, e nos encontramos nela” (MATURANA, 2014, p. 382-383). Em outros termos, estamos falando da conexão com a vida:

Despertar a função arcaica de conexão com a vida representa um dos objetivos mais desejados de toda terapia. Esta função, que permite a existência mesma da vida, pode se tornar, por um processo de maturação interior, uma atitude consciente capaz de estabelecer o contato com o primordial (TORO, 2005, p. 34).

O animal, quando nasce, é considerado bem mais acabado e perfeito por não necessitar das mesmas e longas aprendizagens que envolvem as condições humanas. Ao contrário, o humano entra no mundo habitável e partilhável em estado de fragilidade, sendo apenas esboçado e necessitando construir relações com diversos saberes por toda sua trajetória vital (CHARLOT, 2000). O referido autor ainda esclarece que “o homem nasce incompleto, imperfeito, no sentido etimológico do termo. O animal é quase perfeito (feito completamente); o homem é imperfeito, incompleto e vai se completar após o nascimento.” (CHARLOT, 2013, p. 168).

Nessa lógica, por exemplo, destaco que, pouco tempo após nascer, um bezerro aprende a andar e se alimentar, entretanto, essas aprendizagens

acontecem num tempo curtíssimo, não necessitando, esse animal, de ter outros processos de aprendizagem que dependam das relações que envolvem a condição humana, como a linguagem². Em relação a isso, considera-se que “nós, seres humanos, existimos na linguagem. Enquanto tais, existimos num mundo que consiste num fluxo de nossas coordenações recursivas consensuais de ações com outros seres humanos na *práxis* do nosso viver” (MATURANA, 2014, p. 382).

A condição humana de ser social exige interações, linguagens, comunicações, liberdades, emoções e autoaprendizagens no mundo humano. Nesse sentido, as condições sociais, econômicas e políticas, por exemplo, não existem nos animais (não humanos). Mesmo quando o animal encontra-se em processo de dominação e/ou domesticação humana, ele apenas precisa se adaptar para sobreviver e se defender, não podendo, como o humano, escolher e decidir caminhos diferentes ou construir trajetórias de vidas através da relação social que é inerente ao ser humano. Sendo assim, ressalto que “o ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural” (MORIN, 2009, p. 40).

Ainda vale evidenciar que o estado bruto ao qual o ser humano chega ao mundo o faz prematuro e incompleto, obrigando-o a aprender para ser (CHARLOT, 2000). Ao entrar no mundo, o indivíduo começa um caminho conflitante entre seu estado bruto e simbiótico e o processo de autoafirmação e autoprodução, vivendo esse conflito como processo também de conhecimento. Hannoun (1998), inspirado em Charbonnel, sinaliza essa ideia ao explicar que

o nascimento do indivíduo é uma ferida que o faz tornar-se outro que não o outro com quem, por algum tempo, ele esteve em simbiose quase total. Donde a necessidade de cura pela persistência hereditária desse outro nele, em quem vão opor-se os desejos de auto-afirmação e os desejos de retorno à simbiose passada como fator de cura. Essa situação conflituosa provoca na pessoa o nascimento dos desejos contraditórios. (1998, p. 48).

Esse processo antagônico implica a incompletude humana que remete à ideia de que o sujeito terá, em toda sua existência, a necessidade de aprender, colocando-se na condição de ir se definindo ao longo da sua história, porque

² Reconheço que os animais não humanos possuem linguagens próprias que lhes permitem se comunicar com seus semelhantes, como é bem estudada a comunicação entre as abelhas. Todavia, a linguagem, no sentido ao qual me refiro aqui, trata-se da linguagem propriamente humana.

nasce provido de uma grande plasticidade ontogênica, a qual o faz mover-se no mundo de diversas maneiras. Também caracteriza que viver é sobreviver em situações permanentes entre o mundo interno e externo que há em cada sujeito, ao qual Morin denominou de “computação viva”, explicando que “as computações vivas têm caráter incontestavelmente cognitivo e mesmo autocognitivo, pois permitem ao ser reconhecer substâncias, acontecimentos, modificações do meio exterior, bem como do meio interior” (2008, p. 50).



2. NA DANÇA DA VIDA APRENDEMOS PORQUE SOMOS SERES INACABADOS

O inacabamento e a imperfeição do sujeito, nesse sentido, indicam a ideia de que o humano nasce prematuro, “como se o homem nascesse com seu desenvolvimento inconcluso e devesse ser acabado fora do útero” (CHARLOT, 2000, p. 52), desencadeando a imaturidade como condição humana de também estar no mundo. Assim, o autor aponta a teoria da neotínea ao escrever que o humano nasce prematuro por ser neotênico e escreve: “na história das espécies, o homem seria uma forma fetal; em um certo sentido, um feto de primata...” (p. 52). Porém, o ser prematuro não é fato isolado dessa condição de estar no mundo, ao contrário, “a prematuração do homem é apenas uma face da condição humana, inseparável de sua outra face: o homem sobrevive por nascer em um mundo humano, pré-existente, que já é estruturado” (CHARLOT, 2000, p. 52). Em outras palavras, nós, seres humanos, “evoluímos de um modo que permita a continuação do crescimento de cérebro após o nascimento” (ASSMANN, 2004, p. 146).

A continuidade do crescimento do cérebro após nascermos se dá porque como não nascemos prontos, mas prematuros, o que exige um “útero externo acolhedor” que marca toda evolução humana, em especial do cérebro (ASSMANN, 2000, p. 213). Para Furter (1982, p. 70), “o homem é um ser que aparece, no mundo, imperfeito e inacabado, cujo destino é, pela sua história pessoal, ascender à sua plenitude”, o que faz a educação ser um processo necessário para as aprendizagens durante o percurso vital do sujeito. Desse modo, “o homem sendo um ser temporal, por ser prematuro, a sua educação é a primeira maneira de organizar a temporalidade vivida para que seja plena e autenticamente significativa” (*ibidem*, p. 74).

Ainda, pode-se compreender que “essa evolução humana acontece porque o cérebro desenvolveu simultaneamente sua complexificação interna e sua complexificação social” (ASSMAN, 2004, p. 144). Portanto, a existência de um mundo já organizado ou organizando-se faz do sujeito o ser relacional que sobrevive também em um conjunto de relações sociais como face da condição humana. Daí, os três níveis de integração podem ser lembrados (TORO, 2005, p. 34):

A integração a si mesmo consiste em resgatar a unidade psicofísica. *A integração ao semelhante* consiste em restaurar o vínculo original com a espécie como totalidade. *A integração ao universo* consiste em resgatar o vínculo primordial que une o homem à natureza e em reconhecer-se como parte de uma totalidade maior, o cosmo.

De tal forma, o indivíduo também está no mundo aprendendo por meio de relações em interações humanas, que são do domínio social humano. Como explica o autor:

O humano não está determinado na constituição genética total ou na estrutura inicial total do *zigoto do Homo sapiens sapiens*. Nem fica determinado no compartilhamento da vida numa comunidade humana, como fazem os animais domésticos. O humano surge no entrelaçamento de ambas as dimensões – a genética do *Homo sapiens* e a cultura da sociedade humana – na epigênese humana particular que implica viver como um ser humano entre humanos. Somos concebidos como *Homo sapiens sapiens*, e nos humanizamos no processo de viver como humanos ao viver como membros de uma comunidade social humana.” (MATURANA, 2004, p. 133, grifos do autor).

Logo, não somos totalmente genéticos, nem sociais e, muito menos, totalmente culturais. É preciso considerar o sujeito nessas dimensões, entendendo que “conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele” (MORIN, 2008, p. 62), fato que ocorre porque somos sujeitos biossocioculturais.

O estar sendo no mundo nos coloca em duas condições: a de sujeito prematuro, que indica o ser inconcluso que habita em nós, entendendo que, “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é própria da experiência vital” (FREIRE, 1998, p. 55); e a de sujeito social, presente também no outro e no mundo, a partir da linguagem que se dá por meio das redes de culturas. Essas faces se dão porque “onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 1998, p. 55). Tais condições confirmam a obrigação do humano de estar no mundo, sendo e acontecendo, em um fluxo de processos constantes de aprendizagens como ser social aprendente. Essa tomada de consciência do indivíduo também faz parte do processo humano, uma vez que o sujeito também é definido por essa consciência, que “é uma emergência reflexiva, que permite o retorno da mente a si mesma, em circuito” (MORIN, 2009, p. 126).

Para tanto, torna-se importante ressaltar a visão de sujeito abordada neste trabalho para que, a partir disso, o diálogo com os autores tenha conexões. Nesse sentido, considero a concepção de sujeito a partir de Edgar Morin, que sinaliza que “todo sujeito é não apenas ator, mas também autor, capaz de cognição/escolha/decisão” (2009, p. 127). O referido autor completa sua ideia afirmando que:

Precisa-se das noções de autonomia/dependência; noção de individualidade, de noção de autoprodução, da concepção de um elo recorrente, onde estejam, ao mesmo tempo, o produto e o produtor. É preciso também associar noções antagônicas, como o princípio da inclusão e exclusão. É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades. (MORIN, 2009, p. 128).

Essa complexidade humana traduz o sujeito que é um só ser nas dimensões biológica, social, cultural e histórica. É o sujeito construtor do seu viver. A partir dessa perspectiva complexa³ do sujeito, volto à ideia da condição humana, de Charlot (2000, p. 53), que faz a seguinte menção: “nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender”, explicando que, para acontecer o movimento antagônico do humano prematuro e do sujeito social, há uma tripla condição no processo, como explica o autor:

Aprender para construir-se, em um triplo processo de “hominização” (torna-se homem), de singularização (torna-se um exemplar único de homem), de socialização (torna-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nele). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado (CHARLOT, 2000, p. 53).

Com a lógica de pensamento do autor, posso entender que os sujeitos vão se tornando gente no mundo e que, nesse percurso vital, há um movimento interno individual que os torna também singulares na dimensão humana. Segundo Rolando Toro (2005, p. 76)

A identidade muda a cada instante; ela não é estática, porém a essência se conserva: eu sou o mesmo menino que fui; embora seja diferente, continuo a sentir-me “o mesmo”. Ela é antes corpórea: quando se trata de descrever alguém, evoca-se a sua peculiaridade física.

³ Entender a perspectiva complexa em seu sentido literal: *complexus*, como aquilo que se tece em conjunto (MORIN, 1998).

Esses indivíduos não vão se fazendo sós no mundo, eles se tornam no mundo através de processos de relações sociais, fazendo com que sua história esteja também sendo construída pelos outros que estão nesse entrelaçamento do mundo humano. Dessa maneira, “nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processo que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros” (CHARLOT, 2000, p. 53). Nessa lógica, considero que a Biodanza é um caminho de aprender para saber quem eu sou quem é o mundo e os outros. Nela os potenciais vitais são trabalhados por meio de vivências integrativas e faz os sujeitos se moverem por meio de aspectos restauradores, que potencializa o fluxo da vida. Caminho possível porque vivência, segundo Rolando Toro (2005, p. 30)

é a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente, que envolve a cenestesia, as funções viscerais e emocionais. A vivência confere à experiência subjetiva a palpante qualidade existencial de viver o “aqui e agora”

Retomo aqui a questão da neotenia humana porque entendo que essas aprendizagens se dão pela nossa condição contínua de seres neotênicos, em que “na evolução humana da espécie, a **neotenia**, ou seja, o nascimento “premature” e “despreparado”, dispôs o ser humano para uma aprendizagem extra-uterina que envolve uma flexibilidade adaptativa e enorme dependência do meio ambiente natural e social” (ASSMANN, 2000, p. 223, grifos do autor).

Por conseguinte, compreender o sujeito como sistema vivo possibilita o diálogo com a ideia de que o indivíduo é uma máquina autopoietica, por produzir a si próprio na ação, ou seja, “o viver de um organismo ocorre na realização de sua autopoiese (MATURANA, 2009, p. 272, grifos do autor). 38 Aprender, portanto, faz parte da construção do humano. Assim, entendendo que *poiésis* é a ação de fabricar e produzir (CHAUI, 2002), o ser humano é um ser autopoietico na medida em que está, a todo tempo, reconstruindo-se, reorganizando-se, recompondo-se, ou seja, vive continuamente processo auto- organizativos. Auto e *poiésis*, termos de origem grega, significam, respectivamente, próprio, si mesmo, sozinho e aquilo que tem significado de fazer. Unificados esses termos dão a ideia de sujeito dinâmico, produto- produtor, ator-autor imbricado no “sistema-pessoa” (HANNOUN, 1998) que

acontece a todo instante através dos aspectos internos e externos aos quais o ser humano está conectado

Nesse contexto, Charlot (2000) contribui explicando que nascer é encontrar-se em uma condição de inacabamento que faz o indivíduo um ser ausente de si, mas que, ao mesmo tempo, por ser humano em processos relacionais com os outros, também é presença fora de si. Nesse sentido, estar no mundo é envolver-se em um processo relacional com os outros que abre possibilidades para o mover-se no mundo, fazendo a caminhada, destino, trajetória estarem sempre em um fluxo dinâmico. Assim, “gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidade e não de determinismo” (FREIRE, 1998, p. 58).

Essa dinâmica representada na ausência de si e presença fora de si é o que também caracteriza “o inacabamento do ser humano” (FREIRE, 1998, p. 55) e o sujeito desejante dentro de uma estrutura social. Esse ser desejante “é também um corpo “engajado” em um mundo onde deve sobreviver, agir, produzir, mesmo que, em um primeiro tempo, essa necessidade seja assumida por outros” (CHARLOT, 2000, p. 53). Desse modo, “na medida em que ele é incompleto, e o continuará sempre, o homem é ausente de si. E traz em si a ausência sob forma de desejo” (CHARLOT, 2013, p. 25). É nesse entrelaçamento de ser inacabado e social que o desejo nasce e provoca no sujeito a capacidade de cognição/escolha/decisão. Então, mais uma vez, ressalto a ideia de sujeito que trago neste trabalho, evidenciando que o ser humano “[...] não é um graveto a balançar ao sabor das eventualidades físico- biossociais de cadeias causais cegas. Ele pode – pelo menos em parte – libertar-se dessas cadeias por meio de rupturas das causalidades que o determinam. Ele tem a possibilidade de decidir” (HANNOUN, 1998, p. 45).

Pode-se imaginar que esse movimento de ruptura, de decisão e de escolhas está ligado ao ser humano complexo que carrega em si e, de maneira bipolar, caracteres antagônicos, como explica Morin (2003, p. 58):

O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumuns*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase.

A passagem me parece interessante, pois remete pensar sobre o sujeito e suas várias faces: biológica, social e cultural. Também provoca a refletir que é nessa possibilidade de rupturas do ser humano que acontece o mobilizar-se do sujeito numa tríade relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo (CHARLOT, 2000). Assim, “o que está implícito aqui é a ideia de fluxo constante, de viver, de tornar-se. Fugindo do essencialismo de “o ser humano é”, buscamos a lógica dos seres como “fenômeno que acontecem” no processo de viver” (PELLANDA, 2009, p. 38). Essa noção de condição humana me provoca a pensar nas seguintes questões: é no fluxo constante de tornar-se para ser que o sujeito decide, aprende, conhece? Quais mecanismos são desencadeados nesses processos de condição humana? Enfim, o que torna o sujeito um corpo engajado no mundo?

É a partir da compreensão do sujeito como ser biológico, social, produto e produtor que irei seguir o dialogar sobre temas que envolvem aspectos intrínsecos e extrínsecos aos humanos, tendo como foco inicial os autores Charlot (2000) e Hannoun (1998), com os conceitos de motivos móveis, em diálogo com Rolando Toro, com seu conceito de Princípio Biocêntrico.



3 - MOVER-SE NA VIDA: MOTIVOS E MÓBILES COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES DO SISTEMA VIVO

Como já sinalizei, ao nascer, o sujeito torna-se singular, envolvido em um conjunto de relações e interações numa tríplice condição humana: relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo. E nessa condição também há uma ausência de si mesmo e presença fora de si, constituindo-o como sujeito desejante (CHARLOT, 2000). O autor esclarece que o desejo presente no sujeito, a partir da ausência de si mesmo, é “um desejo que sempre é, no fundo, desejo de si, desse ser que lhe falta, um desejo impossível de saciar, pois saciá-lo aniquilaria o homem enquanto homem” (CHARLOT, 2000, p. 52). Esse aspecto desejante faz do sujeito um ser de ação no mundo arraigado de vontades, liberdades e decisões em um conjunto de relações sociais em que a condição humana os coloca.

Para tanto, esses aspectos humanos advêm de movimentos internos e isolados do mundo ou os fatores externos podem acarretar esses atos? Será que os fatores internos e externos são aspectos simultâneos no sistema vivo? Para compreender de maneira mais aprofundada esse aspecto desejante dos seres humanos, faz-se necessário perceber o sujeito em sua totalidade, ou seja, entender que as questões biológicas, sociais, culturais e históricas são inerentes ao mobilizar dos indivíduos.

Hannoun (1998), inspirado em Kant, sinaliza que há três fatores que implicam a decisão e a ação humana, sendo eles: as regras de habilidade presentes nas decisões de ações úteis da vida prática; os conselhos prudentes existentes nas elaborações de projetos de vida mais longos e, por fim, os mandamentos da moralidade, que são caracterizados pelo comportamento acerca da ideia de ser humano. Ainda sobre a decisão, o referido autor dialoga com as ideias de Max Weber, explicando que os fatores da decisão podem ser justificados pela busca do prazer e utilidade do sujeito no mundo ou no respeito a um valor. Mas é em Gallistel que Hannoun (1998, p. 46-47) explica que a ação humana sofre dois tipos de determinismo que desencadeiam a decisão: o qualitativo (sentido pelo indivíduo) e o quantitativo (que deriva o próprio ato). Esse esboço da ação é, ao mesmo tempo, *independente* do sujeito, por ser determinado pela composição genética do indivíduo e um ambiente que foge à

sua iniciativa, e *dependente* por contar com os motivos e móveis conservados no sujeito.

Por outro lado, ampliando a visão do homem no mundo, além de sua história biográfica pessoal, Rolando Toro (2005, p. 51) apresenta o Princípio Biocêntrico, como algo anterior à cultura e que

coloca seu interesse em um universo compreendido como um sistema vivo. O reino da vida abrange muito mais que os vegetais, os animais e o homem. Tudo o que existe, dos neutrinos ao quasar, da pedra ao pensamento mais sutil, faz parte deste sistema vivo prodigioso. Segundo o princípio biocêntrico, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário.

Voltaremos a este conceito, mas, enfim, retomando Hannoun, o que são motivos e móveis? Para entender os referidos conceitos, o autor explica que “os motivos são argumentos, demonstrações, em suma, as justificativas reflexivas – se não racionais – que o indivíduo enuncia para basear sua decisão. Os móveis constituem o conjunto dos fatores bioafetivos conscientes e/ou inconscientes inseparáveis dessa reflexão.” (HANNOUN, 1998, p. 47).

Sabendo isso, entendo que o sujeito se mobiliza para alcançar um objetivo que o motiva e que é motivado por algo que pode mobilizá-lo. Assim, o objetivo vai estar ligado à motivação, aos motivos (como aspectos relacionados ao que incorporo humanamente do contato com o mundo exterior) e aos móveis (como dinâmica interna dos sujeitos). Diante desse entendimento, pergunto: essas expressões de movimentos de dentro e de fora do indivíduo são elementos constituintes, por exemplo, do ato da decisão e ação humana? Hannoun contribui para esclarecer essa inquietação, sinalizando que:

na decisão e ação humanas conscientes, [...] intervêm ao mesmo tempo, no plano da pessoa, os motivos de uma reflexão – que respeite ou não as estruturas do raciocínio – e aquilo que chamamos de “vontade”, a saber, o conjunto das causas bioafetivas, conscientes ou não, que constituem seus móveis (HANNOUN, 1998, p. 99).

Assim, a decisão não é desencadeada só por um sistema lógico do raciocínio, mas por um sistema em que sempre coexistem os fatores pessoais e os fatores ambientais que operam no “sistema-pessoa” (HANNOUN, 1998). Inspirado, mais uma vez, em Gallistel, o autor explica:

Toda decisão se refere ao mundo dos afetos e ao mundo dos conceitos. Uma decisão nunca é puro espírito e não é exclusivamente afetiva, a não ser em casos paroxísticos ou mesmo patológico. Pelos móveis, nossos valores vinculam nossa ação à nossa vivência bioafetiva, que enraíza nossa pessoa aqui e no agora da existência cotidiana. Pelos motivos, a possível adesão aos valores morais nos introduz no mundo das razões que permite um distanciamento da cotidianidade por meio da reflexão pessoal. (HANNOUN, 1998, p. 47).

O Princípio Biocêntrico amplia a discussão sobre o sistema opositivo mundos dos afeto-mundo dos conceitos, colocando a “vida”, como o verdadeiro elemento regulador, antecedente a qualquer outro princípio. Nas palavras de Rolando Toro (2005, p. 51):

A estratégia de transformação existencial muda a partir do princípio biocêntrico: os parâmetros da vida cósmica refletem os parâmetros de *nosso* estilo de vida. Em outros termos, os nossos comportamentos se organizam como expressão de vida, e não como meios de alcançar fins externos, políticos ou sócio-econômicos. Eles se desenvolvem para criar mais vida dentro da vida. Se as situações sociais e culturais são adversas, podem ser transformadas não com a ajuda de ideologias e de ações políticas, mas restabelecendo-se, a cada instante, em nossa existência, as condições pelas quais ela seja protegida.

Nota-se que a ação do sujeito não pode ser apenas afeto ou razão, isso se deve porque “não existe um mundo externo objetivo independente da ação do sujeito que vive e conhece ao mesmo tempo. O mundo emerge junto com a ação/cognição do sujeito” (PELLANDA, 2009, p. 24). Se, pelos móveis, nossos valores vinculam a ação através dos aspectos bioafetivos e pelos motivos somos introduzidos ao mundo das razões, o indivíduo mobiliza e mobiliza-se a todo tempo, entendendo que “mobilizar é pôr em movimento; mobilizar-se é pôr-se em movimento” (CHARLOT, 2000, p. 54). Nessa dinâmica de pôr algo em movimento e de colocar-se em movimento, Charlot ressalta, ainda, que há uma distinção entre mobilização e motivação:

A mobilização implica mobilizar-se (“de dentro”), enquanto que a motivação enfatiza o fato de que se é motivado por alguém ou por algo (“de fora”). É verdade que no fim da análise, esses conceitos convergem: poder-se-ia dizer que eu me mobilizo para alcançar algo um objetivo que me motiva e que sou motivada por algo que pode mobilizar-me (CHARLOT, 2000, p. 55).

Esse entrelaçamento vital do interno com o externo, comungado por todos os sujeitos, compõe o mobilizar-se no mundo, esclarecendo a ideia de que “mobilizar é pôr recursos em movimentos. Mobilizar-se é reunir suas forças,

para fazer uso de si próprio como recurso” (CHARLOT, 2000, p. 55), dando a ideia de movimento do próprio sujeito. Nessa lógica, pode-se dizer que mobilização e motivação acabam se encontrando no agir humano e, ainda, pode ser explicado, que a motivação é um conceito subjetivo que introduz, no sujeito, o movimento de fora para dentro e que na mobilização o sujeito põe recursos em movimento, fazendo uso de si próprio como recurso na ação (SILVA, 2014).

Para Hannoun (1998), o ato de mobilizar-se está intrinsecamente ligado à dinâmica interna do sujeito, a qual está conectada com nossas origens bioafetivas, ou seja, os móveis, conforme destaca: “Os móveis, fatores de origem não-reflexiva da decisão e do ato, são, por um lado, as pulsões bioafetivas conscientes para a busca do prazer e, por outro lado – e em estreita ligação com estas – todas as pulsões de origem inconscientes” (HANNOUN, 1998, p. 47-48).



Nesse sentido, os móveis estão ligados a fatores conscientes e inconscientes do sistema vivo, o qual computa fatores intrínsecos e extrínsecos da operacionalização vital. Para melhor compreensão, é dito que “a computação interna do ser celular é essencialmente destinada a dirigir as interações que lhe garantem a integridade pela transformação de ingredientes do meio exterior em componentes internos” (MORIN, 2008, p. 50). Esse movimento duplo do sujeito deve-se porque todo conhecimento humano se dá através de elementos internos e externos a cada um. Dessa maneira,

como todo conhecimento vivo, o conhecimento humano é um conhecimento de um indivíduo ao mesmo tempo produto e produtor de um processo auto(geno-feno-ego)-eco-re-organizador. Como todo conhecimento individual, o conhecimento humano é ao mesmo tempo subjetivo (caracterizado pelo ego-geno-sócio-centrismo) e objetivo (caracterizado pela operacionalidade e pela eficácia no tratamento dos seus objetos) (MORIN, 2009, p. 224-225).

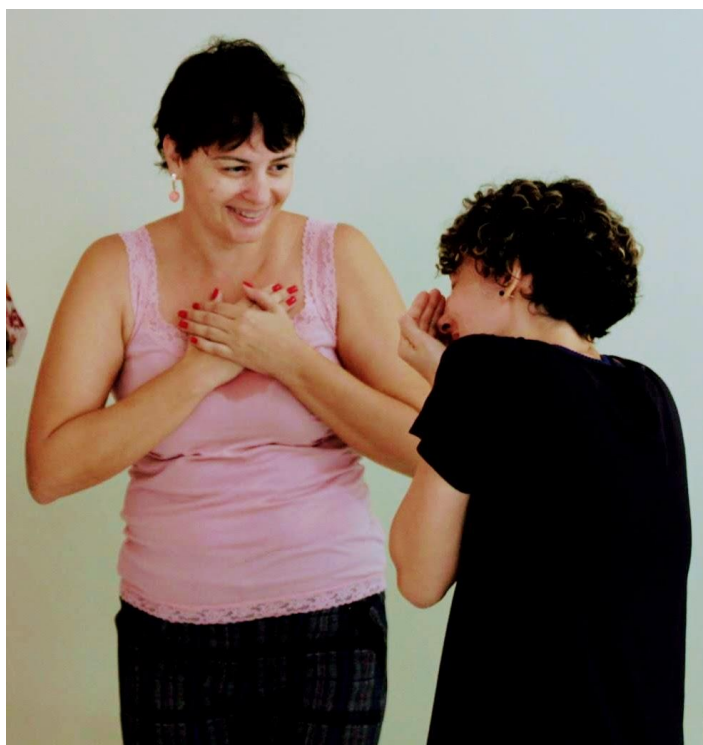
Tal compreensão envolve o agir humano constituído por móveis e motivos criados tanto na subjetividade quanto na objetividade, a partir das vivências, compartilhamentos que produzem conhecimentos, ações, decisões, convicções e dúvidas de cada sujeito. Assim, uma ação humana sempre terá aspectos biológicos, afetivos e sociais, pois, “pelos móveis nossos valores vinculam nossa ação à nossa vivência bioafetiva, que enraíza nossa pessoa no aqui e no agora da existência cotidiana” (HANNOUN, 1998, p. 47).

Nesse sentido, compreendo que o móvel está vinculado organicamente às nossas decisões, escolhas, lutas e afazeres, porque o destino “não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir”, visto que a “História em que me faço com os outros e de cuja feitura como parte é um tempo de responsabilidade e não de determinismo” (FREIRE, 1998, p. 58-59). Dessa forma, os móveis e motivos são constituintes do sistema vivo, pois “todo ato, seja qual for, é produzido por um “sistema-pessoa” (HANNOUN, 1998, p. 47 e 49). Por conseguinte, compreender o sujeito como sistema vivo possibilita o diálogo com a ideia de que o indivíduo é uma máquina autopoietica, por produzir a si próprio na ação, ou seja, “o viver de um organismo ocorre na realização de sua *autopoiese* (MATURANA, 2009, p. 272). Em outros termos, segundo Rolando Toro (2005, p. 50):

Os seres vivos são sistemas auto-regulados cujas funções automáticas têm sua origem na perfeição dos sistemas homeostáticos. Consideradas

em sentido lato como os mecanismos de equilíbrio interno encarregados de conservar a unidade orgânica, elas têm um altíssimo grau de precisão.

Aprender, portanto, faz parte da construção do humano. Assim, entendendo que *poíesis* é a ação de fabricar e produzir (CHAUÍ, 2002), o ser humano é um ser autopoietico na medida em que está, a todo tempo, reconstruindo-se, reorganizando-se, recompondo-se, ou seja, vive continuamente processo auto-organizativos. *Auto* e *poíesis*, termos de origem grega, significam, respectivamente, próprio, si mesmo, sozinho e aquilo que tem significado de fazer. Unificados esses termos dão a ideia de sujeito dinâmico, produto-produtor, ator-autor imbricado no “sistema-pessoa” (HANNOUN, 1998) que acontece a todo instante através dos aspectos internos e externos aos quais o ser humano está conectado. De tal modo, a interação entre organismo e mente faz parte da estrutura do sistema vivo e, “mesmo quando o conhecimento se diferenciara e autonomizará, ela permanecerá inseparável da organização, da ação, do ser. Ser, fazer, conhecer são, no domínio da vida, originalmente indiferenciadas e, quando forem diferenciados, continuarão inseparáveis” (MORIN, 2008, p. 57).



Logo, nascer torna os sujeitos “capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade” (FREIRE, 1998, p. 57). E essa capacidade de intervir no mundo se dá através do corpo consciente, que Gonçalves (2017), a partir das leituras de Freire, sinaliza ser o corpo humano consciente. Aquele que luta, ama, odeia, sofre, morre. É o corpo que vive.

Hannoun (1998) compreende toda ação como um ato conflitante, porque tudo o que existe está em permanente conflito entre entropia-neguentropia, desordem-ordem, caos-cosmo. O que faz o sujeito se movimentar, pois, são as superações, a partir dos aspectos afetivos e sociais. Nesse sentido, Morin sinaliza a dialógica do pensamento no mundo das contradições explicando que “o pensamento deve estabelecer fronteiras e atravessá-las, abrir e fechar conceitos, ir do todo às partes e das partes ao todo, duvidar e crer; deve recusar e combater a contradição, mas ao mesmo tempo assumi-la e alimentar-se dela” (2008, p. 201). Na lógica do caos ao cosmo e vice-versa, o sujeito, como “sistema-pessoa” (HANNOUN, 1998, p. 103), sobrevive nas diversas realidades sendo produto e produtor de conhecimentos. Nesse raciocínio, é dito que “aquilo que vem de fora não determina ou instrue o que acontece internamente num sistema vivente, mas apenas perturba, disparando processos que são autônomos e homeostáticos, ou seja, autoreguladores. Em consonância com essa ideia, o papel do ruído, do caos inicial da desordem é fundamental” (PELLANDA, 2009, p. 25).

Os processos antagônicos do universo, retratados nas realidades dos indivíduos, são aspectos constituintes da autoregulação humana, caracterizando a ideia de auto-organização viva. Portanto, a ação ou pensamento do sujeito se situará entre o polo da dúvida e o da convicção (HANNOUN, 1998). Ainda, o referido autor acrescenta que “a dúvida nos leva à impossibilidade de reconhecer a verdade ou valor de um conteúdo ou de uma finalidade” e, continua escrevendo, “a convicção, por sua vez implicaria a adesão total do sujeito – amálgama de conceitos e afetos – a um conteúdo que ele considerasse certo” (1998, p. 53). Para tanto, a contradição que existe entre o indivíduo e o social é uma questão cultural e histórica, porque a contradição que há entre o sujeito e a realidade em que vive contribui para sua integração como sistema vivo, tendo em vista que

“os indivíduos em suas interações constituem o social, mas o social é o meio em que esses indivíduos se realizam como indivíduos” (MATURANA, 2014, p. 49).

No entanto, a abordagem de Maturana (2009) salienta que o sujeito deve ser visto como um sistema-pessoa-vivo que, através dos aspectos internos e externos nos quais estabelece relações com o meio e consigo mesmo, funda-se num processo de produção de sentido que o faz operar como ser vivente e que se auto organiza a todo instante. Para o autor, o sistema vivo é um sistema dinâmico, ou seja,

em sistemas dinâmicos, como os sistemas vivos, a estrutura está virando continuamente. Vocês estão variando de estrutura agora. Quando eu me movo, eu mudo minha estrutura, porque a estrutura é tanto seus comportamentos quanta as relações entre eles. Felizmente, eu posso mudar de estrutura sem perder minha organização. Enquanto eu puder fazer isso, ou enquanto isso acontece comigo, estou vivo (MATURANA, 2014, p. 68).

Assim, faz-se necessário pensar no sujeito como consciência e razão, mas, sobretudo, pensar nele como ser vivo cujos móveis, como movimentos implícitos, são inerentes à sua vida. Desse modo, “o ser vivo, no momento em que deixa de ser congruente com sua circunstância, morre” (MATURANA, 2014, p. 68). Seguindo esse raciocínio, compreendo que a lógica de qualquer ação humana está estruturada em todo seu sistema vivo. O ato de conhecer é um ato vivo que se estrutura nos processos internos e externos dos sujeitos, já que “nosso conhecimento se baseia, assim, em dados iniciais de origens pessoal e/ou ambiental que põem inelutavelmente sua marca sobre todos os conteúdos de pensamento” (HANNOUN, 1998, p. 64). Maturana corrobora sobre as dimensões do humano, explicando que

os seres vivos são sistemas determinados estruturalmente e tudo o que se passa com eles a cada instante resulta de sua dinâmica estrutural e é determinado por ela de maneira que os objetos externos podem somente desencadear mudanças estruturais determinadas pela própria estrutura dos seres vivos. E o viver é uma história na qual o curso das mudanças estruturais que se vive é contingente à história de interações pelo encontro com os objetos. E nessa história de mudança estrutural, contingente à sequência de interações, o ser vivo e suas circunstâncias mudam juntos. Este é o ponto crucial: o ser vivo e suas circunstâncias mudam juntos. (MATURANA, 1993, p. 33).

O sujeito e suas circunstâncias mudam juntos, ou seja, existimos numa estrutura de modificações através das interações com o mundo, porque “os

fenômenos sociais têm a ver com a biologia” (MATURANA, 2009, p. 71). Destarte, as dimensões do humano dependem de sua biologia, posto que nossa estrutura está em congruência com as circunstâncias, sendo assim, “todas as dimensões do humano, desde a vida espiritual a vida prática e material, corriqueira, dependem de sua biologia” (MATURANA, 1993, p. 30). O sujeito está presente sob a forma de um mundo humano ocupando um lugar social que elabora um movimento que, ao mesmo tempo, constrói-se e é também construído pelos outros, pelo mundo. Nesse sentido, qualquer ação exercida pelo indivíduo é, conseqüentemente, social e biológica, pois “organismo e meio vão mudando juntos de maneira congruente ao longo da vida do organismo” (MATURANA, 2009, p. 62), ressaltando que “a biologia tem uma presença que não podemos desenhar” (MATURANA, 2014, p. 50).

A partir dessa dimensão humana, compreendo que os móveis e motivos coabitam no “sistema-pessoa” (HANNOUN, 1998). De tal modo, entendo que o indivíduo se move no mundo pelos motivos (como expressões reflexivas, racionais e elaboradas) e móveis (forças originadas pelas pulsões bioafetivas). Dessa maneira, o agir do sujeito está ligado diretamente ao móbil que representa “a razão de agir” (CHARLOT, 2000, p. 55). Assim, pelos móveis, vejo um sistema vivo completo modificando-se na medida em que conhece e projeta onde quer chegar. Ao mobilizar-se, o sujeito tem sua estrutura modificada, porque “o conhecimento é, ao mesmo tempo, atividade (cognição) e produto dessa atividade.” (MORIN, 2008, p. 224).

O móbil é aquilo que produz movimentação do/no sujeito, visto que ninguém está só no mundo, uma vez que somos, biologicamente e culturalmente, seres sociais (MATURANA, 2009) e essa condição implica entender que o outro pode mover-se atrelado ao meu mover. Charlot (2000) aponta que o móbil só pode ser definido através de uma atividade humana que, por sua vez, é considerada um conjunto de ações propulsionadas por um móbil, que visa uma meta como resultado das ações que se deseja alcançar. O autor sinaliza que o móbil é diferente da meta quando escreve que “o móbil, que deve ser distinguido da meta, é o desejo que esse resultado permite satisfazer e que desencadeou a atividade” (p. 55). Com outras palavras, entende-se que “o móbil como aquilo que explica a mobilização para uma atividade; ele é, portanto, a razão, a causa e o motivo pelos quais se justificam

as ações do sujeito durante uma atividade, além de ser o que impulsiona a iniciá-la” (DIEB, 2007, p. 161).

A partir da explicação do autor, entende-se que a atividade que é representada por uma ação humana tem uma dinâmica interna do sujeito que interage com o outro, ou seja, com o mundo externo a partir de metas desejáveis. Essa mobilização também ocorre porque somos sujeitos desejantes e encontramos boas razões para agir. O sentido da atividade está na relação entre a meta e o móbil do sujeito, entre o que o incita a agir e o que o orienta a determinada ação. Já a meta é o resultado que as ações permitem alcançar e, nessa perspectiva, só haverá sentido na ação se acontecer uma relação ou conexão entre a meta e o móbil, pois “nem a meta sozinha, nem o móbil sozinho me permite entender o sentido do ato, que se aclara somente se eu puser em relação essa meta e esse móbil” (CHARLOT, 2000). Explicando com outras palavras, o móbil é aquilo que produz movimento, ou seja, é o que explica a mobilização do sujeito para uma ação (ALMEIDA, 2011).



CONCLUSÕES

Diante das reflexões sobre as aprendizagens como processo inerente ao conhecer/viver de cada sujeito vivo e a Biodanza como caminho mobilizador do bem viver, este trabalho buscou dialogar sobre a complexidade humana para compreender que, como sistema vivo, cada sujeito se mobiliza no fluxo da vida e aprende de maneira contínua, fato que se dá porque uma das características essenciais da vida é a auto-organização, ou seja, a nossa condição humana de seres autopoieticos.

Com outras palavras é entender que

como organismos operamos como totalidades num meio no qual interagimos através de nossa constituição molecular na contínua produção de nós mesmo, na contínua realização de nossa autopoiese molecular” (MATURANA, 2009, p. 262).

Nos termos da Biodanza, diremos que há um princípio anterior, o Princípio Biocêntrico, proposto por Rolando Toro, que organiza todo o universo. O que se chama vida é o que está por detrás de toda esta organização. Deste modo, não há, **em essência**, oposição entre matéria e substância, sagrado e profano, razão e emoção, corpo e alma.

E concluímos com o “lema” da Biodanza: todos somos um.



REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Competência e sensibilidade solidária**: educar para a esperança. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e prazer de aprender**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2004.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Paulo Freire**: sua visão de mundo, de homem e de sociedade. Caruaru: Fafica, 2001
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHAUÍ, Marilene. **Dos Pré-Socráticos a Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DIEB, Messias Holanda. **Móbeis, sentido e saberes**: o professor da educação infantil e sua relação com o saber. 2007. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará-UFCE, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FURTER, Pierre. **Educação e Reflexão**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Corpo(s) Consciente(s). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaima José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 94-95.
- HANNOUN, Hubert. **Educação**: certezas e apostas. São Paulo: UNESP, 1998.
- MATURANA, Humberto R. Uma Nova Concepção de Aprendizagem. Revista Dois Pontos, Belo Horizonte, v. 2, n. 15, p. 28-35, 1993.
- MATURANA, Humberto R. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MATURANA, Humberto R. **Amar e Brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MATURANA, Humberto R. **Emoções na educação e na política**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- MATURANA, Humberto R. **A ontologia da realidade**. 2. ed. Belo horizonte: UFMG, 2014.

MEDEIROS. Lucineide Barros. In: In: STRECK, Danillo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José Zitkoki. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MORIN, Edgar. **O método 4: O método**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. **O Método 3: Conhecimento do Conhecimento**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **Maturana & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Flávio Roberto Vieira da. **Fracasso escolar e a relação com o saber: a educação mobilizadora em Bernard Charlot**. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2014.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2005.

TORO, Rolando. **Biodanza**. Santiago: Cuarto Propio, 2009.

TORO, Rolando. CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM BIODANZA. *International Biocentric Foudantion*.

TORO, Rolando. **Teoria da Biodança**. Coletânea de Textos. Tomo I e II. Associação Latinoamericana de Biodança, 1991.

SOBRE A AUTORA

Possui Doutorado em Educação, tendo defendido, em 2021, a Tese “Fazer-se sujeito nos meios populares: motivos e móveis para a tessitura dos fios de uma existência” (PPGE-UFPB). Mestrado em Educação, no ano de 2012, com a Dissertação “Egressos do Programa Brasil Alfabetizado: desafios sobre continuidade de escolarização em EJA no Município de Conde/PB (PPGE/UFPB). Especialização em Psicopedagogia, em 2005, com o Trabalho de Conclusão de Curso “O papel do(a) psicopedagogo(a) no acompanhamento dos(as) educadores(as) na educação Infantil” (Faculdade Integradas de Patos – FIP). Graduação em Pedagogia, no ano de 2002, com o TCC “Educador(a) Infantil: Eterno(a) Aprendiz (CE/UFPB). Facilitadora de Biodança pela International Biocentric Foundation (2021) e Consteladora Familiar pela AFYA- Centro Holístico da Mulher (2021). Formação em Educação Emocional e Pesquisadora no Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC/UFPB), desde 2018. Atuou como Professora visitante da Faculdade Integrada de Patos, ministrando a Disciplinas no Curso de Especialização em Supervisão e Orientação Educacional: Correntes e Tendências das Prática Educativas e Avaliação (FIP -2009). Foi Professora da Educação Infantil da Escola Carl Rogers (2002-2004). Atuou como professora da Educação Básica nos municípios de Conde (2008-2012) e João Pessoa (2011-2018). Foi Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de João Pessoa (2010 a 2018). Atuou como formadora do Programa Brasil Alfabetizado (2003 a 2010). Foi Tutora da Universidade Aberta do Brasil. (2009-2018-EAD/UFPB). Formação em Pedagogia Sistêmica pelo Instituto Jean Lucy (2023). É Professora efetiva, desde 2018, do Departamento de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba, lotada no Colégio de Aplicação (DEBAS/CAP-EBAS/CE/UFPB). Está Chefe do Departamento de Educação Básica da UFPB.



CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Objetivam “divulgar a produção científica desenvolvida pelo NEEMOC, proporcionando maior intercâmbio entre a Universidade e a sociedade” (Res. Nº 24/2017, CONSEPE).

CENTRO DE EDUCAÇÃO

Diretora

Adriana Valéria Santos Diniz

Vice-Diretor

Valter Ferreira Rodrigues

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Coordenadora

Marilene Salgueiro

Vice-coordenadora

Taísa Caldas

Equipe editorial

Marilene Salgueiro

Taísa Dantas

Elisa Gonsalves

Fabricio Possebon

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Secretaria editorial

Maria Emanuela Lima

Dedjany Delgado

